

“A CORAGEM DE DIZER EU”

A intervenção de Javier Prades sobre o título do Meeting de Rímimi - 21 de agosto

INTRODUÇÃO

O título do Meeting, “A coragem de dizer eu”, repropõe uma frase dos *Diários* de Søren Kierkegaard escrita em 1849, que queremos entender no seu contexto original.

Kierkegaard

Kierkegaard interrogava-se acerca da comunicação da verdade. Percebia que a primeira condição para uma comunicação da verdade é a pessoa que a pronuncia. A verdade não se transmite através dum ventríloquo. Exige uma pessoa que se joga na comunicação da compreensão que teve daquela verdade. Aqui está já um primeiro significado do valor do «eu».

Kierkegaard lança esta exigência diante da difusão dum pensamento de molde racionalista-idealista, que ele muito criticou, considerando-o, no sentido mais negativo do termo, uma abstração, uma especulação desligada da vida real e da existência concreta das pessoas.

É por isso que Kierkegaard insiste na necessidade de trazer para fora as reflexões sobre aquilo que é verdadeiro na vida de um homem vivo, de um «eu». É necessário, portanto, um confronto com a verdade da própria vida e não apenas uma afirmação de verdades “teóricas”, que não são postas à consideração da existência. A tarefa da vida é este contínuo apropriar-se, ou reapropriar-se, da verdade, que põe em jogo a pessoa, que traz à tona o eu. Sem nos colocarmos em jogo, não haverá plena comunicação da verdade ao outro.

O panorama atual

Se da metade do século XIX passarmos aos finais do século XX, a situação contemporânea suscita-nos logo perguntas sobre a frase de Kierkegaard. Um renomado sociólogo, Gilles Lipovetsky, afirma já nos anos 80 que depois do cataclisma produzido pela pós-modernidade, através da crítica dos grandes sistemas teóricos e políticos dos séculos XIX e XX, depois deste maremoto que deitou por terra instituições e ideais, o único valor que permanece de pé é precisamente o indivíduo e o seu proclamado direito

à autorrealização, ou seja, habilitado à busca de si mesmo sem outras referências, uma vez que ideais e instituições desabam à sua volta.

Podemos juntar ao juízo do professor francês o do sociólogo canadiano Charles Taylor, quando fala da nossa época como sendo uma «época da autenticidade». A palavra de ordem nas nossas sociedades torna-se «sê tu mesmo», «sê autêntico», «faz tudo à tua maneira»; seria este o caminho para alcançar a plenitude que cada um procura para não se perder a si mesmo: para ser autêntico e autorreferencial. Tanto é verdade que, durante a pandemia, o psicanalista Massimo Recalcati insistiu na crítica a esta posição antropológica fechada sobre si: «Espero que possa mudar alguma coisa no modo de conceber o eu», sublinhando o facto de que «devíamos abandonar a eu-dolatria do nosso tempo, a eu-cracia do nosso tempo, que não pode levar a nada de bom, porque está orientada para uma loucura narcisista».

A retoma da educação para a fé

Giussani citou o diário de Kierkegaard em diversas ocasiões. Evoca Kierkegaard para colocar a pessoa em jogo e para perceber a diferença que existe em fazer certas afirmações, conforme – ao fazê-las – entra o eu em jogo, ou não. Pode dizer-se a mesma verdade, que, em si mesma, tem um conteúdo correto, de várias maneiras; algumas, no entanto, não chegam a ninguém, porque a verdade não é proposta dum modo pessoal.

Aquilo que é necessário para a reflexão e a comunicação aos outros é-o também para a criação das obras sociais. Lembramo-nos bem da afirmação de Giussani: «As obras nascem quando uma pessoa tem a coragem de dizer “eu”». Não se transmite a verdade, não nasce uma obra se não houver alguns que têm a coragem de dizer «eu». Também Julián Carrón, repondo os textos de Giussani, sublinhou muitas vezes o juízo de Kierkegaard sobre a centralidade do sujeito, que se deve jogar para comunicar a verdade e para agir segundo a verdade.

Retomar a afirmação de Kierkegaard obriga-nos a confrontarmo-nos com o nosso tempo, para tentarmos percebê-lo e aprofundá-lo sem equívocos. Conhecemos outro diagnóstico de Giussani, muito eficaz, que falava dum «efeito Chernobyl», já não sobre a saúde física, mas sobre a estrutura base da personalidade humana, atingida por um esvaziamento, por um enfraquecimento cognitivo-afetivo, que a torna incapaz de sair do limite do eu.

A complexidade do problema diante do qual nos encontramos exige um aprofundamento, para não cairmos no logro de dar o título do Meeting como óbvio. Em

que sentido é que a exigência formulada por Kierkegaard se demonstra adequada aos dias de hoje? É necessário um trabalho para identificarmos os termos adequados para poder dizer «eu» e para encontrarmos a coragem de o fazer, de tal modo que seja fonte de fecundidade, em vez de fechamento numa loucura narcisista, como avisa Recalcati. Proponho um percurso em três quadros e um epílogo, com vista a suscitar uma comparação existencial. A minha intervenção não tem um propósito erudito ou literário, mas quer favorecer uma *posição* que permita ao eu acolher afetuosa e amorosamente a realidade e, nela e para além dela, Cristo presente.

PRIMEIRO QUADRO: UM, NENHUM E CEM MIL

Começamos evocando o celeberrimo romance de Luigi Pirandello, ao qual vou buscar, de forma sintética, algumas observações para o nosso percurso.

Já nada era verdade: solidão

As problemáticas que ecoavam em Kierkegaard emergem constantemente na cultura europeia. A obra de Pirandello, de 1926, é a prova disso. O protagonista do romance, a partir duma experiência aparentemente irrelevante, entra em crise sobre a sua própria identidade, sobre a relação consigo mesmo, com a mulher e com os outros. Vitangelo Moscarda torna-se paradigma da vida de tantos homens e mulheres do século XX. Mas como é que a sua mulher vê nele aquele pequeno defeito que ele não consegue ver? A personagem começa a pensar que então não serve de nada ser alguma coisa para si mesmo. Perdida a possibilidade de se conhecer verdadeiramente a si mesmo, entra também a suspeita sobre aquilo que de nós veem os outros. Então, se o conhecimento que tenho de mim mesmo já não vale nada e se insinua a suspeita de que aquilo que os outros veem de mim é uma mera convenção, quem sou eu? Sou talvez *um* diante de mim, mas na realidade já não sou *ninguém* e poderia ser, para mim e para os outros, *cem mil* diferentes. O protagonista mergulha nesta loucura que, no fundo, não se sabe bem se é uma lucidez extrema, graças à qual o louco poderia ser o único que percebe verdadeiramente como estão as coisas, para além das convenções da sociedade burguesa. Antecipando em várias décadas a cultura pós-moderna, Moscarda pareceria ser o vencedor, na medida em que já não se sente obrigado a ser “alguém”: pode ser *ninguém* ou *cem mil*, pode renegar identidade e nome, pode deixar-se ir ao correr da vida para

uma dissolução do próprio eu, e viver o momento, segundo a segundo, sem cristalizar naquilo que, no fim de contas, seria uma máscara convencional.

Para lá dos debates sobre o niilismo de Pirandello, a sua obra torna-se, em certo sentido, no romance da solidão, porque, na falta de uma relação confiável, não resta nada senão o adequar-se ao jogo das aparências, fechando-se num solipsismo definitivo: «Ao tocar-me, ao apertar-me as mãos, sim dizia “eu”: mas a quem é que o dizia? e para quem? Estava sozinho. No mundo todo, sozinho. Para mim mesmo, sozinho. E no segundo do arrepio, que agora me fazia estremecer até às raízes dos cabelos, sentia a eternidade e o gelo desta infinita solidão».

Esta é uma condição que caracteriza a vida de muitos homens, também dos anónimos, dos séculos XX e XXI. Há uma incompletude, uma impossibilidade última de ser alguém, de poder dizer «eu» dum modo relevante e significativo, e portanto ficamos sós. Em torno do problema do eu houve, e continua a haver, uma dificuldade imanente, e as tentativas de lhe responder exprimem problemas reais, de pessoas normais, que vivem, sofrem, trabalham, arranjam o que fazer todo o dia e não sabem porquê.

O eu, que nos finais do século XIX surgia na Europa como o herdeiro orgulhoso duma nova genealogia de ciência, técnica e cultura, exaltado em sentido absoluto como um sujeito que não aceita limites, cai no final do século XX numa depressão. O sujeito, como se vê na filosofia académica e também na cultura geral, é discutido, é problematizado, até ser quase rejeitado. Em muitos momentos, parece que a única energia, a única força do eu, é a de se negar a si mesmo. O eu seria como uma força decadente, quase como um eu que não existe a não ser para dizer “não eu”, a não ser para afirmar com absoluta energia —e aqui se demonstra a permanência paradoxal da realidade do eu— que não é (e não quer ser) *um*, talvez não seja sequer *ninguém*, que é e não é, *cem mil* diferentes.

Um eu onnipotente e um eu nostálgico

Chegando aos dias de hoje, podemos fazer referência a alguns aspetos da cultura popular. O filme *Bohemian Rhapsody*, de 2019, devolveu atualidade às canções dos *Queen* dos finais dos anos 80 (sem nenhuma pretensão de oferecer uma avaliação exaustiva desta banda). Algumas delas exaltam um eu que ainda se quer absoluto, que não suporta limites de tempo e de espaço, nem resiste ao confronto com qualquer dado que possa limitar a sua autodeterminação. Alguns títulos famosos, então, ecoam com o filme: *I want to break free*, *Who wants to live forever?*, *I want it all (and I want it now)*,

Don't stop me now. Basta voltarmos a ouvir estas canções para reconhecermos um eu que se afirma com uma pretensão desmesurada: «*I consider it a challenge before the human race and I ain't gonna lose (...) No time for losers 'cause we are the champions of the World*» («Considero um desafio perante a raça humana e não vou perder (...) Não há tempo para perdedores porque somos os campeões do Mundo»).

Junto a este eu que se vangloria, seguro da sua própria força, surge hoje um eu que não sabe bem quem é, nem se vale a pena existir. Trata-se do reverso da medalha, que revela o cansaço, a complexidade duma coisa tão misteriosa como é a autoconsciência livre, quando um qualquer entre nós diz «eu». Alguns capítulos da série televisiva *Euphoria* plasmam esta desorientação, sobretudo na experiência juvenil. Trata-se de um vazio nos jovens que vivem já sem terem nenhum limite, que experimentam tudo, mas que, ao mesmo tempo, estão também privados da arrogância que vimos antes. A jovem protagonista reconhece a sua derrota desde o momento do nascimento, e também a sua incapacidade de ser aquilo que desejaria ter sido.

Talvez permaneça neles a pretensão de serem senhores de si mesmos no desespero, mas aquilo que surge na tela é uma solidão imensa, mergulhada em amargura. No muro da pretensão do eu abriu-se uma fenda, uma insatisfação, uma melancolia talvez diferente da de antes, e talvez alguma forma de pedido ou de súplica (os mesmos *Queen* repetem de forma quase obsessiva *Find me somebody to love*). Qual a relação da geração de *Euphoria* com aquela que se identifica com alguns temas dos *Queen*? Trata-se de um fenómeno alternativo ou de um fenómeno consequente? A questão é complexa, porque a vida humana nunca é a branco e preto, tem infinitos contornos que podem conviver na mesma sociedade.

O eu, o trabalho, a casa, os amigos, o país

Vamos complicar ainda mais o panorama. Além da parábola juvenil, que vai dos *Queen* a *Euphoria*, é interessante acrescentar outros aspetos deste cansaço contemporâneo em dizer se eu sou *um*, ou se não sou *ninguém*, ou se sou *cem mil*. Consideremos um filme multi-premiado em 2021: *Nomadland*. Neste caso, os protagonistas já não são *teenagers*, são sessentões e setentões no contexto da crise económica e social de 2008, que arrastou consigo as poupanças e o trabalho de tanta gente, enfraquecendo também as instituições. Trata-se de pessoas tudo menos rebeldes, pessoas normais, trabalhadores atingidos pelo fechamento das fábricas e que, depois de uma vida de trabalho, família e relações, de cidades e lugares vividos, dão por si a serem arrancados do seu contexto.

A protagonista do filme, Fern, encontra-se completamente sozinha: porque lhe morreu o marido, porque a fábrica onde trabalhou a vida inteira fechou, porque já não existe a sua cidade, e já não tem uma casa. Não lhe resta mais nada. Então compra uma carrinha onde morar, inserindo-se assim nos *road movies* americanos, típicos da saga literária dos vários Kerouak, Steinbeck ou McCarthy. Trata-se duma faixa da cultura americana feita de pessoas em certo sentido obrigadas a procurar *on the road*, porque o sistema e as convenções sociais as excluíram. A protagonista leva uma vida solitária, com muitos pontos de bem, de amizade, de acolhimento, de solidariedade nas pequenas coisas. Dão-se encontros humanos, que no entanto não duram: mudam conforme muda a paisagem à volta e mudam os locais de trabalho.

Não se apresenta um vazio desesperado, nem uma pretensão ilimitada, mas um individualismo na solidão, nada entusiasta, em que a pessoa fica como que enfraquecida, sem recursos. Vive-se apenas com o próprio passado. Está-se sozinho, também e sobretudo, no horizonte do sentido, pelo que se pode falar mais de eutanásia do que de suicídio. O interlocutor é muitas vezes a natureza, a terra fotografada de modo sublime, mas, na minha opinião, em última instância muda, como uma presença que atrai mas cala. Naquilo que se vê, não há rasto do mistério de Deus. Não se encontram nem blasfémias, nem preces. É um mundo cujo fio condutor é uma mulher que já não se liga a ninguém, que está em busca de não se sabe bem quem, e que encontra estes homens e mulheres solitários que, para o sistema, já não são ninguém e que talvez sejam também eles cem mil.

Aquilo que Taylor caracterizou como «época da autenticidade» seria, afinal de contas, esta vida não apenas fora do sistema convencional, mas separada daquilo que torna o eu fecundo e duradouro? Parece que o eu autêntico se identifica com esta mulher solitária. Talvez fosse este o eu vivido por Lipovetsky, o eu que irá caracterizar o século XXI: sessentões e setentões sem raízes? Na Europa, não temos a tradição dos *road movies*, talvez nem exista esta cultura, mas nas nossas cidades, nos nossos bairros —no meu bairro— não faltam pessoas idosas sozinhas, pobres na rua, pessoas “normais” que já não sabem com quem estar, com quem falar, a quem dizer «eu gosto de ti» ou de quem ouvir dizer «tu», «tu és amado».

Resumindo, podemos reconhecer um individualismo exasperado, que se pretende às vezes triunfante (alguns temas dos *Queen*) ou à beira do vazio (*Euphoria*), ou simplesmente atordoado (*Nomadland*): um individualismo na solidão, incapaz de laços estáveis, de pertencer a alguém e de gerar um bem duradouro para si e para os outros.

A fenda no muro: nostalgia de outra coisa

As variantes do individualismo moderno são atravessadas pela nostalgia —também confusa— de outra coisa. Pirandello faz emergir esta estranha espera quando faz o seu protagonista dizer que estamos condenados a «sentir a suspeita de que há qualquer coisa de misterioso para nós, da qual, embora ali presente, o nosso espírito está condenado a ficar longe». E portanto, vivemos numa «angústia indefinida» porque, se pudéssemos entrar nesta longínqua e misteriosa presença cuja existência pressentimos, «talvez a nossa vida se abrisse em sabe-se lá que sensações novas, tanto que nos pareceria vivermos noutra mundo». A mesma intuição reflete-se também no grito de tantos grupos musicais, das séries de televisão ou no cinema. Isto abre uma brecha, um ponto de passagem, porque, ao contrário das seguranças vividas noutras épocas, reconhece-se de maneiras muito diferentes um *ponto de fuga*, esta incompletude que se pode identificar através da observação atenta e apaixonada daquele eu que é cada um de nós, e que é cada um daqueles que encontramos.

O meu rosto

Para facilitar a passagem do primeiro para o segundo quadro, proponho uma canção, escrita por uma juvenzinha da GS: *Il mio volto (O meu rosto)*.

SEGUNDO QUADRO: ABRAÃO, O NASCIMENTO DO EU

Descobrirmo-nos sem rosto, com a escuridão no fundo de nós, a solidão, o darmo-nos conta do Tu, o eco de uma voz, o renascer da recordação, o sermos amados, o sermos feitos, as estrelas e os céus: quantos elementos —que aparecem nos exemplos citados da cultura contemporânea— estão presentes nesta canção excepcional!

Tentemos sondar o mistério do eu evocado pela Adriana, guiados pela reflexão de alguns grandes autores do século XX. Teremos algumas dificuldades, mas pode valer a pena...

O eu: ser e não ser

Começamos com uma mulher extraordinária, uma enorme pensadora, religiosa carmelita e mártir, Edith Stein (Santa Teresa Benedita da Cruz) que soube explorar com grande delicadeza o mistério do eu. Escreve: «O meu ser, como eu o vejo e como nele

me vejo, é um ser nada; eu sozinha não sou e não sou nada por mim mesma, em todos os momentos estou diante do nada e devo receber novamente o ser, momento a momento (...). No entanto, é precisamente este meu não ser o “ser” e eu toco, por isso, a todo o momento, a plenitude do ser (...).».

Stein compreende um dado inegável: «o meu ser é um ser fugaz, prorrogado segundo a segundo, exposto à eventualidade do não ser». Mas também se dá conta de que «este facto corresponde a outro, também ele inegável: ou seja, que, apesar da minha fugacidade, eu existo e sou mantida em vida segundo a segundo, e, no meu ser fugaz, contendo um ser duradouro. Sei que sou sustentada e aqui se encontra a minha tranquilidade e segurança —não a segurança consciente do homem que está sobre um terreno seguro com as suas próprias forças, mas a doce e beata segurança da criança apoiada por um braço forte— que, na prática, é uma segurança não menos razoável».

Edith Stein não censura nenhuma dimensão do eu. Por um lado, fala de fugacidade, de um estar como que suspensa, de não ser nada. Não censura a vertigem de viver sem sermos senhores de nós mesmos, sempre impelidos por uma exigência insaciável de plenitude. Ao mesmo tempo, defende que é igualmente inegável que o eu é duradouro, porque recebe o ser, é mantido em vida segundo a segundo. De onde vem esta autoconsciência, que se abre já à plenitude da evidência de si?

Outro grande pensador do século XX, Balthasar, aponta-nos a direção certa: «Não é na almofada da meditação, alienando-se de tudo, que uma pessoa se encontrará a si mesma, quando muito encontrará o nada, e aí dela se quisesse reconhecer-se nele, mas apenas dando-se a uma realidade ou a uma pessoa. O poder abandonar-se é o princípio de toda a realização e de toda a posse amorosa». A compreensão completa do eu não vem duma espécie de meditação solipsista, fechada sobre si, mas de um dar-se, um confiar-se, um entregar-se a outro, que são tudo termos imprescindíveis para dizer quem somos.

Como é que se chegou, na história da civilização, certamente na cultura do ocidente, a este nível de autoconsciência?

Abraão: o nascimento do eu

Para responder, é preciso ter em conta o contributo da raiz judaica da cultura ocidental. Através das Escrituras de Israel, incorporadas na Bíblia cristã, a perspectiva judaico-cristã ilumina a compreensão do mistério humano de modo decisivo. Nesta há um ponto firme: para poder dizer «eu», é necessária uma relação. É necessário um tu, e não apenas um tu qualquer, com minúscula, mas também o Tu com maiúscula, o Tu de

Deus. O eu é gerado por uma relação e precisa de uma relação à qual se abandonar completamente. Se não houver esta experiência, não se alcançam as dimensões de um humano completo.

A história da salvação entregou-nos um nome, um lugar e um tempo precisos na história do Médio Oriente, na história do mundo: o nome de Abraão. Este patriarca surge como o primeiro movimento do gesto com que Deus veio ao encontro do homem, permitindo que acontecesse aquilo a que Giussani chamou o nascimento do eu. Trata-se duma geração ligada à história. Só entrando na história é que se pode alcançar a consistência do eu nos termos completos com que o próprio Deus a desenhou desde a origem, e consequentemente também refletir sobre esta.

O homem que grita «eu» com uma energia perturbadora e ao mesmo tempo fica deprimido porque já não sabe quem é, este homem que vive muitas vezes na confusão, dá por si a ser chamado pelo nome, provocado a dar uma resposta. Diz Giussani: o grito do homem teve uma resposta, teve um acolhimento, entrou num diálogo. Com uma expressão muito bonita, diz: é como se o grito do homem tivesse ecoado no coração de Deus, dentro da casa de Deus, como se o grito humano tivesse sido gritado ali dentro.

Aqui está o início da história do eu tal como nós o podemos desejar, como nós o podemos procurar, como nós certamente já o experimentámos. Na vocação de Abraão encontra-se um novo alvorecer, que dá início a uma história dentro da história, onde o sentido da história do mundo e da existência de cada homem encontra a sua comunicação. Tem início a comunicação entre o grito da busca humana e a resposta que o tornará luminoso, verdadeiro, fecundo, capaz de se entregar, capaz de amar e de gerar, capaz de suscitar a vida e de se tornar protagonista na história.

Deus “misturou-se” connosco, como atesta a Sagrada Escritura. Deus fala a cada um de nós em termos compreensíveis, adequados à nossa sensibilidade, e ao mesmo tempo, graças a esta concretude, abre-se em nós uma passagem para a consciência de uma Alteridade, de uma presença de outro modo inimaginável. Estabelece-se a relação com aquela presença misteriosa, pressentida por Pirandello, que agora se mostra e abraça todas as dimensões luminosas, obscuras, difíceis, alegres da vida humana e as introduz numa perspetiva infinita, a perspetiva do Destino como outro diferente de nós, sem a qual nunca somos nós mesmos. É assim que surge historicamente a possibilidade de alcançar uma autoconsciência verdadeira de nós, como descrevia Edith Stein e como cantara, com limpidez, uma jovem da *GS*.

O que é que acontece neste “misturar-se” de Deus com Abraão? Que ele se torna ele mesmo, já não será Abrão, mas Abraão. Com o chamamento recebe um nome que implica uma tarefa, um ser colocado em caminho para uma vida plena para si e para os outros.

Quando somos chamados pelo nome torna-se possível o itinerário da autoconsciência definitiva de si. A modalidade histórica da intervenção de Deus em prol do homem tem início com o chamamento de Abraão ao qual Ele dá um nome, e com este a sua identidade e uma tarefa. Começa a história da salvação que, através dos patriarcas, Moisés, os juízes, os profetas, os reis, faz amadurecer no povo de Israel a espera de uma manifestação plena do divino e do humano.

Antes que Abraão existisse, Eu sou

Tal possibilidade, tão desejada e anunciada quanto imprevisível na sua forma de realização, que parece quase falhar, acontece de modo imprevisível e surpreendente na figura d’Aquele que é, ao mesmo tempo, o humano mais humano e a manifestação do divino tal como nós nunca a poderíamos ter imaginado.

Para manter o nosso fio condutor, que é a concepção do eu, queria focar-me, através de cenas, naquela figura na história onde resplandece a afirmação plena do eu, que é Jesus de Nazaré. A sua figura impressiona de tal forma os seus contemporâneos que estes se interrogam continuamente: «Mas quem é este?». Os exegetas explicam como é que «na pregação, no modo de ensinar e de agir de Jesus nos deparamos com uma consciência excepcional de si mesmo que se reflete na sua autoridade, *eksousia*, como emerge no tom decidido do seu ensinamento onde se destaca a expressão do próprio eu, a consciência de quem fala porque tem em si mesmo a correspondência plena de si com aquilo que diz».

Estamos precisamente na pista que Kierkegaard tinha indicado, ou seja, uma verdade que coincide, como em nenhum outro caso na história, com a vida da pessoa que fala; uma autoridade que deriva da coincidência entre a verdade pregada e a existência pessoal. Isto vê-se na forma direta, enfática, com que Jesus pronuncia o pronome da primeira pessoa *eu*: «Foi-vos dito, mas, *eu* vos digo...», «Em verdade, em verdade, *eu* vos digo...».

Em muitas passagens evangélicas, à dignidade e à santidade da Lei e das instituições de Israel, Jesus opõe o seu eu: um eu poderoso, que com os seus gestos poderosos (milagres) lhe permite ordenar a natureza e, ao mesmo tempo, mostrar-se cheio de

piedade e de misericórdia, de identificar-se com cada homem, de sentir compaixão pelos pequenos, os pobres, os pecadores, de doar um poder que é graça, que é perdão.

Na vida de Jesus resplandece a afirmação «eu sou»: «Eu sou a luz do mundo», «Eu sou o bom pastor», «Eu sou a ressurreição e a vida», «Eu sou o caminho, a verdade e a vida», «Eu sou a verdadeira videira e o meu Pai é o vinhateiro». No Evangelho de João encontramos afirmações solenes que confirmam esta pretensão com uma profundidade totalmente singular. Por exemplo, quando diz: «Em verdade, em verdade vos digo: antes que Abraão existisse, eu sou»; ou: «Quando tiverdes elevado o Filho do homem, então sabereis que eu sou».

Estou também a pensar naquela lindíssima página de São Lucas na qual, diante do murmurar e da desconfiança dos fariseus porque ele come com os pecadores e os acolhe, Jesus não responde com um discurso abstrato, mas com três parábolas: a ovelha perdida, a moeda perdida e, sobretudo, aquela fantástica parábola que é a do filho pródigo. E todas as vezes conclui afirmando: «Eu digo-vos: haverá mais alegria no céu por um único pecador que se arrepende, do que por noventa e nove justos que não precisam de arrependimento». Esta leitura, que em Lucas está de alguma maneira implícita, ainda que muito direta, pode reconhecer-se nas fórmulas nítidas do Evangelho de João. Jesus, depois de ter apelado à força do seu eu, acrescenta logo a seguir: «Eu não faço nada por mim mesmo, mas como me ensinou o Pai, assim eu falo», ou: «O Filho, por si mesmo, não pode fazer nada, senão o que vir fazer o Pai; aquilo que este faz também o faz igualmente o Filho», «as obras que o Pai me confiou para fazer, essas mesmas obras que Eu faço, dão testemunho de que o Pai me enviou». Tanto é verdade que, para João, Jesus é simplesmente o Filho.

Como terá ficado espantada e comovida a samaritana quando, discutindo sobre o Messias que haveria de vir, ouve Jesus que lhe diz: «Sou eu, que falo contigo». A figura de Jesus coloca diante dos olhos de todos um eu autoconsciente, consciente de si como nenhum outro no mundo, e esse mesmo eu reconhece-se Filho do Pai, portador da força de Outro, do Pai, recebida como Filho.

A concepção do eu proposta por Edith Stein e Balthasar tem início com Abraão e encontra o seu esclarecimento definitivo na figura de Jesus, o Filho, que pode dizer «Sou eu» como só Deus o podia dizer no Antigo Testamento, «*egò eimí*», ou seja, a expressão do divino. «Eu sou» é aquilo que Deus diz a Moisés no Êxodo. Jesus pode dizer «Eu sou» com a mesma densidade e ao mesmo tempo afirmar-se como aquele que nasce sempre de Outro, que é continuamente gerado por Outro, e que portanto, na

riqueza desta perspectiva humana, torna visível também o abismo do mistério de Deus, que é Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo.

Filhos no Filho

Sem podermos entrar agora nas profundezas da concepção cristã do mistério de Deus, tentemos seguir o fio da história. Aqueles que se aproximaram de Jesus tornaram-se, através do dom do Espírito, filhos como ele, ou seja, filhos no Filho, e adquiriram também eles uma personalidade que os tornou capazes de dizer «eu», de resistir ao peso da vida, de agir com a autoconsciência, a liberdade e a capacidade de construir que nós estamos a procurar juntos. Tornaram-se verdadeiros protagonistas: o que poderia exclamar a mãe dos Zebedeus —cheia de vontade, na época, de “colocar” bem os dois filhos, Tiago e João— diante da fachada da Catedral de Santiago de Compostela, erguida em memória do seu filho Tiago, amigo do Senhor?

Também os discípulos, que ao princípio estavam amedontrados, inseguros, falam com autoridade. É muito bonita a forma como, depois da ressurreição de Jesus, Pedro vai ao encontro dos homens que o procuram e diz: «Aqui estou, sou eu aquele que procurais». O percurso da «história dentro da história» a que Abraão deu início gera homens que podem dizer «eu» sem nada excluir, sem nada retirar àquela vertigem do ser, que não é propriedade nossa, ser que é recebido, acolhido, momento a momento, instante a instante, como observava Edith Stein.

Giussani insiste nesta condição do eu como resposta amorosa a um amor que o chama: «Fomos amados. Somos amados. Por isso, existimos»; e prossegue: «Então, se eu sou amado, se eu existo porque amado, o grande problema da minha existência, do meu estar no mundo, aquilo que torna possível que o meu sujeito se torne protagonista dum mundo novo [aqui está o eu que se diz] em que o eterno começa experimentalmente no tempo é a minha resposta, a minha resposta ao Tu que me ama, o meu corresponder, a minha valorização daquilo que Ele criou em mim para que eu pudesse aperceber-me d’Ele. Então, se eu existo porque sou amado, devo responder, *respondeo*. Daqui nasce a responsabilidade». Aqui está a palavra lindíssima, talvez não muitas vezes recordada, para alcançar uma concepção verdadeira do eu...

Se das várias tentativas modernas e pós-modernas de dizer «eu» nos chega um eco de solidão, agora impressiona-nos um aspeto diferente do humano: o de sermos abraçados, acolhidos, amados, e portanto estarmos em relação, precedidos por um dom e chamados a dar a nossa resposta. A alternativa à solidão não é uma espécie de sentimento

narcisista, sempre centrado em si, na exasperação dos seus próprios desejos, mas o acolhimento de Outro e a resposta a Ele, ou seja, a responsabilidade como caminho para o cumprimento de si. O eu autêntico, como diria Taylor, o eu que é verdadeiramente ele mesmo, não pode deixar de ser responsável, de si e dos outros, não pode deixar de receber com o nome, expressão de predileção, também a responsabilidade de assumir a tarefa que acompanha este abraço amoroso. O nosso queridíssimo amigo Mikel Azurmendi tinha descoberto a importância radical do abraço humano, e do encontro com Deus para poder dizer “eu”.

TERCEIRO QUADRO: O NASCIMENTO DO EU E DO POVO

Para entrar no título do Meeting, detivemo-nos no significado do «eu» e em como é que se pode dizer «eu» em sentido pleno. Falta ainda enfrentar uma palavra: «A coragem».

A coragem nasce da simpatia

É impossível, pelo menos para a Itália, falar de coragem sem pensar no padre Abbondio, personagem d' *Os noivos* que murmura: «A coragem, quando não se tem, ninguém pode dá-la por si só!». Identificamo-nos todos um pouco com esta afirmação, que diz que a coragem seria uma espécie de determinação enérgica que, na realidade, ninguém tem ou que seria privilégio apenas de alguns.

Diante desta objeção convém esclarecer desde já que a determinação para poder dizer «eu» não é um ato enérgico da vontade, que levava Vittorio Alfieri a exclamar: «Quis, sempre quis, quis com toda a firmeza». Esta seria a coragem que o padre Abbondio não tem, tal como nós não temos. Giussani diz, pelo contrário, que a determinação, a coragem, «nasce precisamente a partir de uma simpatia». Os apóstolos, que seguiam Jesus, puderam dizer «eu» porque se ligaram a Jesus com um juízo que os tornou capazes desta *decisão de ligação* que nasce dum espanto. A coragem de dizer «eu» passa através da ligação afetiva que torna possível a responsabilidade, a resposta dos discípulos —ao princípio amedrontados— até os levar a entregar a vida livremente e a experimentar uma fecundidade que nunca poderiam ter imaginado.

A ligação explica, em termos de experiência humana, a passagem da figura única e irrepetível do Filho de Deus a tantos homens que se tornaram «filhos no Filho».

Nasce o eu e nasce o povo

O passo que devemos aprofundar agora é precisamente o de que o nascimento do eu, a partir da ligação, coincide com o nascimento de um povo. O episódio de Abraão demonstra-o, porque da sua eleição nasce o povo hebreu que é um pouco o símbolo de todos os povos, na medida em que nasce de um acontecimento na história, de acordo com a promessa de que a sua descendência seria «mais numerosa do que as estrelas do céu e do que areia no fundo do mar». A aliança de Javé com Abraão fez surgir um «eu» que, pela sua natureza, encontra nesta relação a origem das relações, as quais, com o tempo, dão lugar ao nascimento de um povo.

Se já a figura de Abraão liga simultaneamente eu e povo, a coincidência plena deste duplo nascimento dá-se em Pedro: o sim de Pedro a Jesus é o gesto mais pessoal, porque diz respeito à própria percepção humana de si no profundo do coração, e simultaneamente é o gesto do qual surge um povo. Há um nexu inseparável entre o sim de Pedro e o nascimento de um povo, entre a resposta pessoal e o desígnio de Deus, que leva Pedro a ser o responsável da nova Israel de Deus que é a Igreja, não apenas por ministério, mas também por vocação e experiência de vida. Nasce assim o povo cristão, confiado à autoridade de Pedro para assegurar nele a permanência da sua unidade.

«Apascenta o meu rebanho», ou seja, cuida não apenas de ti, mas de todas as relações através das quais se verifica a relação comigo. É este mandato que permite «uma atividade incansável», que nunca se detém, porque pode sempre recomeçar e ressurgir como verdadeira moralidade.

Espaços de ação

Esta perspectiva original, própria da revelação cristã, faz-me pensar noutro sociólogo, Ulrich Beck, que, numa das suas últimas obras, se mostra perplexo diante do mundo que vê no telejornal, e diz que o mundo ficou doido e já não se percebe nada.

Diante do colapso, Beck propõe uma tese (que eu interpreto livremente) quando, para enfrentar a dificuldade de compreensão do mundo, apela aos chamados *Handlungsräume*, espaços de ação, de atividade: o pensamento alternativo, a possibilidade de pensar fora dos esquemas, não vem duma enésima elaboração intelectual, mas é necessária uma ação criativa que não aceite os limites dos modos de pensar e de agir convencionais. Ou seja, no mundo cosmopolita haverá uma oportunidade para aqueles que, através da sua ação criativa —nós poderíamos dizer: através do testemunho da experiência cristã vivida—, seriam capazes de ir mais além, para lá dos esquemas de pensamento.

Liberdade

A coragem de dizer «eu» surge através da simpatia por Outro, que suscita uma pertença. Por isso é tão importante a vida em comum, uma vez que a plenitude da autorrealização humana não é o simples pensamento, mas a unidade de pensamento e ação. Para alcançar a novidade verdadeira, deve-se jogar a liberdade. A liberdade é *singular* e *não dedutível*, por isso tem um dinamismo próprio: não é a conclusão de um raciocínio, ou uma dedução a partir duma lei geral, mas o impacto com uma realidade (uma pessoa) que a atrai, que a coloca em movimento para gerar uma ligação. Sem entrar em ulteriores esclarecimentos, a estrada que gera um eu e ao mesmo tempo gera um povo é feita de razão, até à afeição, e de liberdade. Por isso é necessário tudo aquilo que suscita o dinamismo da livre adesão. A natureza testemunhal da experiência cristã mostra-nos como a liberdade cumprida por outro é desejada por nós, e por isso faz-nos tender para aquilo que no outro já existe e que reconhecemos como desejável para nós, como um bem para sermos nós mesmos, para dizermos «eu».

Educação

Nenhuma educação pode simplesmente consistir numa clarificação de ideias, mas sim numa oferta de uma proposta, da qual se faz experiência através dos laços que permitem à liberdade tomar posição de forma diferente. Aquilo que ouvimos será capaz de mobilizar o eu na sua íntegra, na medida em que for vivido num lugar vivo. Caso contrário, chegamos, no máximo, a considerar determinadas posições mais interessantes do que outras, mas não acontece o nascimento de um eu novo, nem a regeneração de um povo nos afetos, nos laços e nas expressões da vida social.

O povo nasce a partir destas relações de simpatia humana até à ligação. Se estas não existem, o resto é apenas doutrinação sobre determinadas ideias, ainda que corretas, sobre determinados valores que correm o risco de permanecerem abstratos. Regressa novamente o desafio de Kierkegaard.

Eu-nós: Trindade e Eucaristia

O eu gerado na relação com um tu é sempre, incindivelmente, relação com um nós. Aqui devemos voltar à percepção cristã de Deus Trindade, ao Espírito Santo que foi caracterizado por alguns teólogos precisamente como *o nós*. É uma perspectiva tipicamente cristã: o eu, o tu, o nós, pertencem ao mistério de Deus; este é o nosso

monoteísmo, o monoteísmo do eu, do tu e também do nós, que não se podem separar sem danificar a realidade plena do mistério de Deus que se fez homem e que, portanto, nos revela, nos oferece, a plenitude do humano, precisamente no sacramento da Eucaristia que nos introduz na comunhão das pessoas trinitárias. Não pode haver povo cristão sem Eucaristia.

Dimensões da vida do povo

As dimensões desta vida do povo foram descritas várias vezes. Nelas se pode captar, de forma concreta, como a coragem de dizer «eu» implica uma disposição para educar, ou seja, para entrar na totalidade do real. A partir do encontro que torna possível «viver intensamente o real» abrem-se todas as suas dimensões.

Toda a verdadeira educação é educação para a liberdade, que se joga na responsabilidade da ação, e que permite ao eu dizer-se. Com base nesta educação para a liberdade se ergue a educação para a vida social: a *dignidade do trabalho* (vimos em *Nomadland* as consequências que pode ter a perda do trabalho e das condições sociais que inserem o eu num contexto de relações), a *geração de obras*, quer dizer, de lugares onde idealmente se possa reconhecer uma modalidade de compreensão do trabalho, das relações humanas, à maneira de verdadeiros *Handlungsräume*.

Entre todas as ações em que se exprime a coragem de dizer «eu», é difícil não sublinhar a *liberdade de educação*, ou seja, a preocupação movida pela grande responsabilidade para com os entes mais queridos, os filhos, os amigos, os vizinhos do bairro ou da cidade, pelos quais sentimos um estremecimento pelo seu destino. O mesmo é válido para a *justiça*, tão profundamente enraizada como exigência original do coração do homem e tão imperfeita, inevitavelmente fragmentária nas realizações humanas, absolutamente necessárias para uma adequada vida social e, ao mesmo tempo, necessitada duma permanente conversão para não acabar fatalmente no esvaziamento de qualquer garantia da vida comum. O mesmo se pode dizer para a *vida política*, ou seja, para o contributo tipicamente cristão à compreensão do poder como dimensão do serviço a toda a comunidade humana.

Permanente recomeço

O povo que na história nasce do acontecimento de Abraão, e que se cumpre no acontecimento singular de Jesus, está provisoriamente pronto a enfrentar as circunstâncias, os riscos, os sacrifícios que implica toda a construção social, e a imitar

aquela abundância de ser que não possui propriamente, mas que se recebe sempre, não uma vez, mas de todas as vezes, na relação com o Mistério, e que é garantia dum permanente recomeço. Recomeçar sempre: é este o fator que torna o homem protagonista da história. A este propósito, escreve Eliot: «Só a fé podia ter feito aquilo que foi bem feito, a fé íntegra de poucos, a fé parcial de muitos». Pois bem, é este o povo cristão, gerado sempre pela fé íntegra de alguns e também pela fé parcial de muitos, edificado por uns e por outros. Só isto permite «edificar continuamente». Eis o contributo do povo dentro do povo, da Igreja como «etnia *sui generis*» dentro da grande história do mundo. Nós precisamos de nos cruzar com esta energia inesgotável que nunca foi energia autogerada, mas sempre recebida como um dom ao qual se dá resposta.

Fratelli tutti

Para completar este Terceiro quadro é particularmente interessante a encíclica *Fratelli tutti* que, no seu capítulo 6, se ocupa dum tema muito caro ao Papa Francisco, que ele intitula «Diálogo e amizade social», para tentar mostrar como «o diálogo social abre a uma nova cultura». Recomendo vivamente a sua leitura.

EPÍLOGO: «FUI EU»

Queria concluir recuperando uma história banalíssima que me acompanha há uma vida. Não tinha sequer ainda vinte anos e, no âmbito dos grupos de jovens que frequentava então, devido a uma imprevista urgência do responsável, foi-me confiada à última hora a condução duma peregrinação de centenas de jovens: vários autocarros, com várias questões organizativas, etc.. A peregrinação partiu do lugar previamente marcado. Os grupos deviam seguir-se uns aos outros de acordo com o itinerário previsto, mas a um dado ponto foi interrompida a comunicação entre eles e vários grupos se perderam. Pensava: é a primeira vez que tenho de conduzir um gesto e acaba tudo mal. Tomado pelo afã de perceber o que tinha acontecido, parecia que não tinha sido ninguém em concreto a errar. Com efeito, não se percebia o que tinha corrido mal. A falta de responsabilidade por parte de todos parecia quase normal, porém o mal estar permanecia. Quando nos encontrámos para avaliar o gesto, um dos chefes de grupo disse com simplicidade: «Fui eu. Fui eu que me enganei, perdi o caminho, e por isso os outros grupos perderam-se por minha culpa». Foi a primeira vez que percebi como a

coragem de dizer «eu» no reconhecimento de um erro é um gesto libertador para nós e para todos. Desde então que penso que um dos efeitos mais imponentes de uma relação verdadeira com o Mistério —este chefe de grupo tinha uma fé muito mais sólida do que nós todos juntos— é o de nos tornarmos sujeitos capazes de reconhecer também os próprios erros, que sabem pedir perdão e aceitar o perdão.

Hannah Arendt cunhou a expressão, agora famosa, sobre «a banalidade do mal», e poderíamos acrescentar *a impessoalidade* do mal: o mal faz-nos esconder, apaga os rostos. Precisamente, não foi ninguém. Nas relações, na família, entre os amigos, no final o mal faz-nos esconder. E isto desde Adão e Eva: Adão diz que não foi ele que colheu o fruto, tal como Eva, não foi ninguém. Também Caim diz “não sei” e terá de se “esconder” a vida toda. Poderíamos prosseguir ao longo da história até hoje, até nós mesmos, que estamos também expostos aos limites e aos erros de toda a gente no modo de viver a família, o trabalho ou as relações sociais, e nos escondemos.

Se formos à página mais extraordinária da relação de um homem com o Mistério, deparamo-nos com Pedro que, diante de Jesus, responde: «Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu Te amo». Para dizer «fui eu que errei», para poder dizer «eu», a única modalidade existencial que resiste com o tempo é poder dizer: «Tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo».

Concluo, por isso, com as palavras de Giussani na Praça de São Pedro, em maio de 98, quando nos convida a viver a liberdade como pedido diante do Mistério que «aparece na sua relação última com a criatura, como misericórdia». Diz: «O mistério da misericórdia ultrapassa qualquer imagem humana de tranquilidade ou de desespero. Até o sentimento de perdão está dentro deste mistério de Cristo. Este é o abraço último do Mistério, contra o qual o homem – até mesmo o mais distante e o mais perverso ou o mais obscuro, o mais tenebroso – não pode opor nada, não pode colocar objeção; pode abandoná-lo, mas abandonando a si mesmo e ao próprio bem. O Mistério como misericórdia continua a ser a última palavra mesmo sobre todas as possibilidades negativas da história. Por isso, a existência exprime-se, como último ideal, na mendicância. O verdadeiro protagonista da história é o mendicante: Cristo mendicante do coração do homem e o coração do homem mendicante de Cristo».

Eis o eu humano mais poderoso que alguma vez existiu na terra, o eu de Cristo, e a modalidade com que cada um de nós poderá sempre, mesmo através de todos os seus limites e das suas falhas, continuar a ter a coragem de dizer «eu» e de gerar assim um povo que dê testemunho da presença de Deus vivo na história.

